

# A influência hipnótica do líder e a criação da realidade alternativa

**Texto apresentado** na 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi, realizada em 29 e 30 de maio de 2024.

**Artigo original** E. Koritar, “The leader’s hypnotic influence and the creation of alternate reality”. *American Journal of Psychoanalysis*, n. 82, p. 349-363, 2022.

**Endre Koritar** é médico e professor clínico assistente na Universidade da Colúmbia Britânica. Faz parte do Conselho de Diretores da Rede Internacional Sándor Ferenczi e é editor associado do *American Journal of Psychoanalysis*. Atual diretor da Western Psychoanalytic Society & Institute, onde atua como analista formador e supervisor.

**Resumo** A psicanálise tem sido tradicionalmente uma prática insular, feita por analistas em seus consultórios, isolados de qualquer intrusão externa. Entretanto, nos últimos anos, tem surgido uma demanda por perspectivas psicanalíticas acerca da dinâmica subjacente de figuras políticas e fenômenos sociais. Os representantes da mídia têm procurado cada vez mais os psicanalistas para obter *insights* sobre certas patologias, como o transtorno de personalidade narcisista, a mentira compulsiva e o pensamento delirante, ao procurar compreender as maquinacões irracionais de líderes autoritários. Aqui, não investigaremos a psique individual, mas, ao invés disso, a relação entre a psique e a cultura da população em geral (ou seja, a polis). Este artigo considerará a complexa dinâmica subjacente da influência hipnótica dos líderes e a criação de uma realidade alternativa.

**Palavras-chave** inter-relação entre polis e psique; técnica hipnótica; dinâmica de grupo; regressão a serviço do ego; transe hipnótico.

**DOI:** 10.70048/percurso.73.73-84

- 1 J. Lear, *Inside and outside the Republic*.
- 2 S. Adams, *Win bigly: persuasion in a world where facts don’t matter*.
- 3 Para fins de discussão, farei referência a um líder, Donald Trump, porém pode-se argumentar que outros líderes (tais como Bolsonaro, Berlusconi e Duterte) possuem traços de personalidade e habilidades de persuasão similares.

Endre Koritar

## Introdução

A conexão entre psique e polis tem sido examinada desde *A República*, de Platão, obra em que o autor sugere que a cultura da polis é determinada pela externalização da essência das psiques individuais da população em geral e que a psique individual é impactada pela internalização da cultura da polis<sup>1</sup>. O estudo da cultura da polis lançará luz sobre as questões que afetam a psique individual.

É um fato incontestável que Trump estava “atenado” com as questões que eram significativas para a polis e usou magistralmente suas habilidades de persuasão para influenciar a opinião pública<sup>2</sup>. A mídia rotulou Trump<sup>3</sup> de muitas coisas, mas ela não compreendeu o ponto central. Trump não é um narcisista, nem um imbecil, nem um mentiroso compulsivo, embora apresente elementos desses “diagnósticos”. Eu o considero um mestre hipnotizador, que fascinou uma parcela significativa da população norte-americana para aceitar suas sugestões hipnóticas. Sob essa perspectiva, sua autoproclamação de “ser um gênio” provavelmente possui algum mérito. Sua genialidade reside em sua capacidade de analisar a cultura da polis e usar suas percepções para influenciar a opinião pública e introjetar com força sua mensagem nas psiques individuais.

## Vértice psicanalítico

Ainda que o uso da hipnose como técnica para o tratamento de pacientes tenha sido a abordagem mais antiga para a cura psicanalítica,



*a importante obra  
de Ferenczi Introjção  
e transferência relaciona  
a sugestão hipnótica à transferência,  
fornecendo insights acerca da dinâmica  
subjacente da hipnose e do hipnotismo.  
Nela, Ferenczi esboçou sua visão sobre  
o crescimento e o desenvolvimento  
da personalidade*

remontando à Bernheim e à Escola de Nancy<sup>4</sup> ao final da década de 1890, a associação livre substituiu a hipnose como técnica psicanalítica preferida<sup>5</sup> e a análise da transferência foi considerada essencial para a resolução de conflitos inconscientes reprimidos. Mas o impacto da sugestão hipnótica na psique individual continuou a ser reconhecido mesmo após essa alteração na técnica. Freud continuou a reconhecer o impacto da hipnose na teoria e na técnica analítica: “[...] não é fácil superestimar a importância do papel desempenhado pelo hipnotismo na história das origens da psicanálise. Tanto do ponto de vista teórico quanto terapêutico, a psicanálise tem sob seu comando um legado que herdou do hipnotismo”<sup>6</sup>.

A importante obra de Ferenczi *Introjção e transferência* relaciona a sugestão hipnótica à transferência, fornecendo *insights* acerca da dinâmica subjacente da hipnose e do hipnotismo. Nessa obra rica e incisiva, Ferenczi esboçou sua visão sobre o crescimento e o desenvolvimento da personalidade com base nos processos de introjção e projeção. As primeiras relações objetais parentais são introjetadas, resultando no crescimento da personalidade e na base de futuras relações de transferência com objetos externos, pois essas representações de objetos internos são projetadas em outras pessoas significativas na vivência de relações objetais externas. Essas

transferências são, portanto, baseadas na qualidade do ambiente da primeira infância. A transferência materna é caracterizada pelo desejo de reconhecimento do amor materno pela criança, enquanto a transferência paterna envolve o medo da fúria do pai e a submissão à sua autoridade. Estas são duas abordagens básicas de que os hipnotizadores se utilizam para influenciar o sujeito: a promessa de proporcionar a gratificação desejada ou a ameaça do perigo, caso o sujeito não faça o que lhe foi instruído. O hipnotizador estimula uma regressão à experiência da primeira infância, na qual uma autoridade maior do que a própria vida tem o poder de realizar o desejo da criança ou de ameaçar a criança indefesa com danos. Ferenczi sugere que há duas categorias amplas de sujeitos suscetíveis à sugestão: o neurótico “faminto” por transferência, que busca introjetar o objeto materno idealizado/hipnotizador, e a pessoa paranoica medrosa, que projeta sua temida figura de autoridade paterna interna no hipnotizador. Nessa formulação dinâmica, o hipnotizador não é o agente ativo real na hipnose. Ferenczi afirma que: “[...] A curiosa autoridade com a qual nós, enquanto hipnotizadores, dispomos de todas as forças psíquicas e nervosas do ‘médium’ não é nada mais do que a expressão de impulsos infantis reprimidos da pessoa hipnotizada”<sup>7</sup>.

O hipnotizador está sintonizado com as transferências da pessoa hipnotizada e seus “impulsos infantis” e usa essa consciência para influenciar o sujeito com a sugestão hipnótica. Para alcançar esse objetivo, o hipnotizador desempenha um ato performático em que assume o papel da figura da mãe onipotente idealizada, que pode satisfazer as necessidades infantis, ou da poderosa figura do pai fálico, que pode proteger a criança de um perigo iminente.

Ferenczi explora ainda mais em sua análise de adultos a regressão a uma atitude infantil, em que o analista induz a um estado de transe no analisando, e a sugestão hipnótica é possível. Ele considerou essa análise profunda importante para alcançar a resolução da condição neurótica. Porém, advertiu o analista contra o abuso dessa

situação receptiva passiva: “[...] Na análise, não é legítimo sugerir ou hipnotizar coisas para dentro do paciente, mas não é apenas correto, como também recomendável, sugeri-las para fora”<sup>8</sup>.

Kris, em “Alguns problemas da propaganda de guerra”<sup>9</sup>, apontou que a técnica psicanalítica foi inicialmente baseada nos princípios da hipnose na última parte do século XIX, mas se alterou para a busca da autoconsciência, psicoeducação e controle do ego depois de 1900 e da publicação de *Interpretação dos sonhos* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente*.

No mesmo artigo, Kris elabora o tema da sugestão hipnótica por meio da propaganda da Segunda Guerra Mundial e considera que a psicologia da persuasão representa uma reversão para o hipnotizador/propagandista, induzindo a um estado mental submisso, semelhante a um transe, no sujeito. Ele explicou tal fenômeno como uma suspensão voluntária da descrença e uma regressão a serviço do ego. Kris estudou esse último fenômeno num artigo anterior, “Psicologia da caricatura”<sup>10</sup>. O autor propôs que a apreciação do chiste, da caricatura e da estética representava uma regressão por parte do ego a um estado mental semelhante ao processo primário infantil, em que o pensamento racional é deixado de lado, e o imaginário ganha rédea solta. A caricatura representa um retrocesso a um prazer infantil anterior em modos de expressão, quando a criança estava atribuindo significados a palavras, imagens e sons, numa transição para um processo de pensamento secundário e mais racional. No estado de transe hipnótico, o adulto racional regrediu a serviço do

»  
*Ernst Kris propôs que a apreciação do chiste, da caricatura e da estética representava uma regressão por parte do ego a um estado mental semelhante ao processo primário infantil, em que o pensamento racional é deixado de lado, e o imaginário ganha rédea solta*

seu ego para se entregar a um processo de pensamento primário irracional e, como a criança impressionável, passivamente obedece às sugestões feitas pela figura parental de autoridade.

### Dinâmica da multidão e psicologia das massas

O estudo contemporâneo da influência hipnótica do líder sobre a multidão remonta à obra de Gustave Le Bon *A multidão: um estudo da mente popular*<sup>11</sup>. Kris analisa seu trabalho criticamente, concluindo que Le Bon havia escrito sua obra mais como um manual de instruções para as elites militares controlarem multidões. Ele escreve: “A função da propaganda [...] é levar a multidão à submissão e promover sua regressão [...] o ataque à razão sob vários disfarces é fundamental: deixe o público se cansar, e que a lição seja repetitiva, e então tudo depende da convicção do propagandista”<sup>12</sup>. O objetivo é, ainda de acordo com Kris, em última análise, estabelecer uma relação entre o público e o líder semelhante àquela entre o hipnotizador e o sujeito. Mas Kris destaca que a regressão experimentada pela multidão é uma regressão temporal, e não uma característica universal da dinâmica da multidão. Em última instância, a multidão se dispersa, e os indivíduos podem recuperar suas formas mais maduras de pensamento.

4 H. Ellenberger, *The discovery of the unconscious*.

5 L. Aron, *From hypnotic suggestion to free association: Freud as a psychotherapist, circa 1892-1893*.

6 S. Freud, *A short account of psycho-analysis*, p. 192.

7 S. Ferenczi, *Introjection and transference in contributions to psychoanalysis*, p. 54.

8 S. Ferenczi, *Child-analysis in the analysis of adults*, p. 474.

9 E. Kris, “Some problems of war propaganda”, *The Psychoanalytic Quarterly*, p. 381-399.

10 E. Kris, “The psychology of caricature”, *The International Journal of Psychoanalysis*, n. 17, p. 85-303.

11 G. Le Bon, *The crowd: a study of the popular mind*.

12 E. Kris, “Some problems of war propaganda”, p. 381-399.



ao elaborar as ideias de Ferenczi, R. Soreanu sugere que o prazer da semelhança, o prazer da repetição e o prazer da redescoberta estão na base da formação dos vínculos sociais pelo indivíduo na percepção da semelhança com o outro e com a multidão

Freud comentou sobre o trabalho de Le Bon em sua obra de 1921, *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Ele concluiu que os processos de identificação entre os membros individuais do grupo e o líder eram essenciais para definir a cultura do grupo e transmitir um senso de poder do líder, o que, por sua vez, empoderava os indivíduos no grande grupo. Freud distinguiu entre uma multidão espontânea que se reúne em um paradigma cultural compartilhado e a massa, que é estruturada pelos ideais compartilhados do grupo<sup>13</sup>.

*Experiências em grupos*<sup>14</sup>, trabalho de Bion de 1961, discute a dinâmica dos pressupostos básicos de grupos. Ele sugere que, sob condições externas adversas, o grupo regride, e o líder é escolhido para trabalhar com o pressuposto básico do grupo. O grupo de dependência confia no líder para suprir as necessidades básicas dos membros. O grupo de luta ou fuga confia no líder para proteger o grupo das ameaças externas. O grupo de emparelhamento usa o romance de Édipo, em que dois membros ou um membro e um líder irão se juntar e produzir um líder messiânico, que levará os membros a um retorno paradisíaco, aos “bons e velhos tempos”, quando a ilusão reinava. Na visão de Bion sobre a dinâmica de grupo, os membros do grupo compartilhavam suas experiências em um processo de identificação projetiva com o líder. Nesse sentido, o grupo influencia o líder a cumprir sua função de conter os pressupostos básicos

que orientam o grupo. No grupo de dependência, o líder fornece um senso de segurança, certeza e pertencimento. No grupo de luta ou fuga, o líder identifica o perigo de um grupo externo ameaçador e oferece proteção contra esse perigo. No grupo de emparelhamento, as conexões erotizadas entre os membros e o líder animam o grupo. Em uma identificação projetiva comunicativa mútua, o líder sente e cumpre o papel que lhe foi atribuído. Com o tempo, pode haver movimento nos pressupostos básicos, a depender das condições externas apresentadas ao grupo. Sob condições variáveis, diferentes aspectos da personalidade do líder podem ser enfatizados: narcisista, paranoico, edípiano. Permanece incerto se o líder é escolhido por conta de suas características de personalidade ou se a personalidade do líder é flexível e se adapta às identificações projetivas da massa.

Soreanu estava presente no Brasil durante a revolta espontânea dos “20 centavos” nas ruas do Rio de Janeiro e escreveu sobre suas experiências, tanto como participante do *ethos* espontâneo da multidão, quanto como pesquisadora psicanalítica, analisando a dinâmica fundamental da multidão. Ela sugere que as ideias de Ferenczi em uma obra pouco conhecida, intitulada *Análise de comparações*<sup>15</sup>, lançam luz sobre o investimento libidinal do indivíduo no grupo. O indivíduo reconhece aspectos de suas próprias experiências passadas, numa fusão simbiótica com a multidão, e possui uma: “[...] tendência a redescobrir o que é amado em todas as coisas no hostil mundo externo [...]”<sup>16</sup>. Ao elaborar as ideias de Ferenczi, Soreanu sugere que o prazer da semelhança, o prazer da repetição e o prazer da redescoberta estão na base da formação dos vínculos sociais pelo indivíduo na percepção da semelhança com o outro e com a multidão. O prazer da analogia é o reconhecimento de uma relação entre duas relações, que, então, torna-se a base libidinal do vínculo social. As feridas da memória compartilhadas pela multidão são redescobertas numa memória coletiva de traumas passados e revividas na revolta. A repetição de traumas passados

(mesmo os transgeracionais) e a exibição de sofrimentos reprimidos do passado representam uma tentativa de cura na experiência coletiva, em uma revolta com os outros que pensam de forma semelhante.

Volkan, em *Confiança cega*<sup>17</sup>, sugere que, em condições traumáticas, tais como a agitação social, o colapso econômico e desastres naturais, o colapso das estruturas sociais e culturais tradicionais leva a uma crise existencial em massa e à regressão do grupo. Esse sentimento de alienação resulta na busca por um líder que dê ao grupo em regressão uma voz que restaure seu senso de identidade, valores, uniformização e segurança. O grande grupo se reúne cegamente em torno de um líder que crie uma nova identidade e ideologia de grupo na qual os membros “bons” seguem o líder de forma obediente, ao passo que os membros “ruins” do grupo se contrapõem ao líder.

Otto Kernberg<sup>18</sup> sugere uma formulação dinâmica a respeito da regressão de grandes grupos. Ao ser confrontado com adversidades sociopolíticas, o grande grupo regride a um nível mais primitivo de funcionamento psíquico, utilizando-se de divisão, identificação projetiva, negação, idealização e desvalorização, além do controle onipotente na tentativa de conter a ansiedade psicótica. A divisão resulta numa polarização na sociedade, em que os “bons” seguidores do líder são protegidos e ganham direito a um tratamento preferencial, enquanto os membros “maus” do grupo externo (que não pertencem ao grupo em questão) são demonizados, reprimidos e desumanizados, tornando-se objeto de agressivos ataques por parte dos membros do grupo em questão. O líder é idealizado, ao passo que todos os que se opõem a ele são desvalorizados. Seu status idealizado faz

ao ser confrontado com adversidades sociopolíticas, Otto Kernberg sugere que o grande grupo regride a um nível mais primitivo de funcionamento psíquico, utilizando-se de divisão, identificação projetiva, negação, idealização e desvalorização

com que ele seja dotado de superioridade moral, enquanto o grupo fica liberado das restrições morais para agir agressivamente contra o grupo desvalorizado e desumanizado. A realidade da turbulência sociopolítica e econômica é negada em favor de um retorno a um sentimento paradisíaco dos “bons e velhos tempos”, grandiosamente inflado. O grupo regredido experimenta um nível cognitivo reduzido de funcionamento e responde positivamente a slogans, caricaturas, expressões grosseiras e sádicas de animosidade em relação ao grupo externo. Os termos chauvinistas podem resultar rapidamente na regressão do grupo a um estado similar a um transe, com a suspensão da descrença e aceitação da realidade oferecida pelo líder carismático.

## O Fenômeno Trump

A partir desse resumo psicanalítico, estamos agora em condições de lançar luz analítica sobre o que chamei de Fenômeno Trump. O que o mundo testemunhou nos EUA nos últimos cinco anos só pode ser descrito como um fenômeno, pois, por definição, sua causa ou explicação está ainda em análise. Além disso, Trump pode ser corretamente descrito como uma pessoa notável (o segundo significado de fenômeno do Dicionário Oxford). Ele exerceu uma influência persuasiva

13 S. Freud, *Group psychology and the analysis of the ego*, p. 65-144.

14 W.R. Bion, *Experiences in groups*.

15 S. Ferenczi, *Analysis of comparisons in further contributions*.

16 R. Soreanu, *Working-through collective wounds: trauma, denial, recognition in the Brazilian uprising*, p. 407.

17 V. Volkan, *Blind trust: large groups and their leaders in times of crises and terror*.

18 O. Kernberg, “Malignant narcissism and large group regression”, *The Psychoanalytic Quarterly*, v. 89, n. 1, p. 1-24.





enquanto Scott Adams  
o chama de artista da persuasão,  
eu iria um pouco além e chamaria  
Trump de mestre hipnotizador.  
Ele parece ter uma habilidade  
inata para lançar um feitiço em  
seu público e fazê-lo acreditar  
em sua versão da realidade

sem precedentes sobre uma grande parte da população e continua a hipnotizar seus seguidores como se fossem marionetes em um palco, e ele fosse o mestre das marionetes. Enquanto Scott Adams<sup>19</sup> o chama de artista da persuasão, eu iria um pouco além e o chamaria de mestre hipnotizador. Ele parece ter uma habilidade inata para lançar um feitiço em seu público e fazê-lo acreditar em sua versão da realidade. Não se trata tanto de persuadir um público racionalmente em um debate, mas de fazer com que ele aceite sua mensagem e se convença de sua veracidade. Se houver resistência em assimilar a mensagem, ele redobra seus esforços ou dobra a aposta em sua mensagem, empurrando-a vigorosamente para o seu público.

Dinamicamente, isso é o que Laplanche<sup>20</sup> descreve como implantação, no primeiro caso, e intromissão forçada, no segundo. Enquanto a implantação no outro utiliza a sedução sutil como técnica, a intromissão forçada utiliza o *gaslighting* como *modus operandi*.

#### *Elementos hipnóticos na técnica de Trump*

Tendo explorado algumas teorias psicanalíticas selecionadas sobre o efeito hipnótico em indivíduos e grupos, oferecerei agora uma elaboração de como Trump se utiliza de diversos elementos para fazer sua mensagem hipnótica girar nas mentes de seu público.

1. Induzir a regressão a serviço do ego: com uma projeção de uma transferência materna ou paterna que se volta a Trump. Ele promete “tornar a América grande novamente”, “América em primeiro lugar”, “repatriar os empregos americanos”. Por outro lado, ele é o Grande Protetor, que promete “construir o muro”, “parar as caravanas” (de imigrantes), “trazer a paz para o Oriente Médio”. Seu público fica fascinado com uma autoridade para além da vida, que realizará seus sonhos de infância e os protegerá contra os agressores externos.

2. Slogans: deixar sua mensagem simples atrai a maioria do seu público, que fica confuso com as explicações mais racionais das complexas medidas políticas, econômicas e sociais. Os slogans mencionados no item 1 são exemplos de como ele transmite sua mensagem usando uma linguagem simples.

3. Caricatura: os públicos regredidos apreciam o uso do chiste para transmitir um ponto de vista. “Hillary inescrupulosa”, “Joe dorminhoco” e “Pocahontas” caricaturizam seus oponentes sob uma luz desfavorável que é difícil de ser abalada, pois esse tipo de discurso possui uma valência emocional e um retorno a uma certa “conversa de bebê” da infância, com a qual o público regredido pode se identificar. A partir do momento em que o público reconhece a caricatura como algo com que pode se identificar, ele também se identifica com o portador da mensagem e se sente compreendido por ele.

4. Dividir a multidão em um grupo “bom”, composto pelos membros do grupo em questão, e um grupo “ruim”, composto pelos que não fazem parte do grupo em questão, inflama o público regredido a lutar contra os perseguidores percebidos. “A mídia é inimiga do povo”, “Os democratas estão bloqueando a legislação destinada a melhorar a vida das pessoas comuns”, “Bernie (Sanders) é um esquerdista”. “Os democratas são socialistas” são slogans que polarizam o público e propagam uma sensação de perigo “lá fora”, contra a qual o líder protegerá seus fiéis.

5. Fazer *gaslighting* (manipulação psicológica) com o seu público. Se suas medidas sedutoras

estiverem encontrando resistência, ele dobra a aposta em suas mensagens, repetindo afirmações falsas até que o público aceite sua versão da realidade. Ele rotula algo como “fake news” (notícia falsa) sempre que a mídia diz algo contrário à sua mensagem. A mídia verifica os fatos e descobre que suas mensagens estão erradas e as chama de mentiras. Mas ela desconsidera o fato óbvio: que ele não está interessado na realidade, mas que a sua sugestão hipnótica seja aceita pelo público. Se a mídia se opõe às suas mensagens hipnóticas, ele as rotula como notícias falsas. Ele conseguiu convencer 75% dos republicanos que votaram nele de que a eleição foi roubada e de que ele é o verdadeiro vencedor “por uma esmagadora maioria”.

Adams<sup>21</sup> sugere que Trump faz uso de diversas técnicas hipnóticas: dissonância cognitiva, viés de confirmação e mensagens repetitivas, persuadindo seu público a aceitar a sua versão da realidade.

A influência de Trump e sua capacidade de hipnotizar a população continuam sendo uma realidade e um perigo constante para a democracia norte-americana. O impacto mais danoso em seu controle hipnótico contínuo de pelo menos 45% do público norte-americano foi a política do Twitter de impedi-lo de usar essa plataforma após a revolta de 6 de janeiro. No entanto, o Fenômeno Trump é uma indicação de que um hipnotizador carismático pode influenciar significativamente uma grande parte da população e dobrar o país à sua vontade. Essa é uma história de advertência sobre a facilidade com que a democracia pode ser comprometida por alguém capaz de usar técnicas hipnóticas.

## O canto sedutor da sereia

Tendo analisado o método hipnótico de Trump, podemos então nos voltar para o conteúdo de

»»

*Aproveito a oportunidade  
para sugerir que um trauma histórico  
que permaneceu sem resolução  
em gerações de norte-americanos  
desde a Guerra Civil e que  
persistiu como um fantasma numa  
cripta psíquica da psique coletiva  
norte-americana foi despertado  
pela retórica de Trump*

sua mensagem fascinante e nos indagar: por que ela é tão sedutora? Qual foi a mensagem hipnótica que comprometeu o pensamento racional em favor de um modo alucinatório de realização de desejos de equivalência psíquica? Qual foi a realidade psíquica interna que tantos norte-americanos abraçaram como realidade externa?

### *Transmissão transgeracional do trauma*

Aproveito a oportunidade para sugerir que um trauma histórico que permaneceu sem resolução em gerações de norte-americanos desde a Guerra Civil e que persistiu como um fantasma numa cripta psíquica da psique coletiva norte-americana foi despertado pela retórica de Trump. A supremacia branca e o privilégio branco permaneceram como um tropo político evidente no Sul desde a humilhação da derrota de Lee em Appomatox. O surgimento da Ku Klux Klan, as leis de “Jim Crow”, a segregação e os linchamentos públicos persistiram até fins do século xx. A perda da Guerra Civil para o Norte nunca foi reconhecida e, portanto, nunca foi lamentada. Essa história de mais de 100 anos sugere que há uma transmissão geracional de traumas não resolvidos ainda sentidos por uma grande extensão da polis norte-americana, que continua a operar com a crença da supremacia branca e do privilégio branco. Eles são ameaçados com o espectro

19 S. Adams, *op. cit.*

20 J. Laplanche, “Implantation, Intromission”, in *Essays on Otherness*, p. 133-137.

21 S. Adams, *op. cit.*



*não é apenas a mensagem,  
mas a voz e a cadência  
de quem a transmite que embala  
e adormece a mente racional e  
desperta um aspecto emocional  
mais primitivo da experiência  
dos ouvintes*

da cultura branca sendo invadida por caravanas de criminosos que cruzam a fronteira do sul, por imigrantes não brancos que ameaçam diluir seu puro pedigree branco, por neoliberais e “esquerdistas” que destroem seu estilo de vida capitalista e por afro-americanos ambiciosos que ameaçam roubar seus empregos. Essas formas de pensar podem ter permanecido como fantasias inconscientes ou crenças reprimidas, mas, vocalizadas por um poderoso persuasor, elas se tornaram um toque de clarim para quase metade da população norte-americana.

#### *A promessa do Nirvana*

Mas podemos nos indagar: o que há na mensagem hipnótica de Trump que a torna tão fascinante para o público em transe? Não é apenas a mensagem, mas a voz e a cadência de quem a transmite que embala e adormece a mente racional e desperta um aspecto emocional mais primitivo da experiência dos ouvintes. A retórica de Trump despertou um senso de onipotência e realização de desejos imaginários que estavam adormecidos nas camadas mais profundas da psique desde que o bebê abandonou o imaginário pela experiência real, no início do desenvolvimento psíquico. Ferenczi<sup>22</sup> sugere que a experiência mental mais antiga do bebê é um senso de onipotência incondicional e que suas necessidades básicas

são automaticamente satisfeitas por meio da realização de desejos alucinatórios. O bebê, após o rude despertar de seu sono alucinatório, é confrontado pela frustração de sua onipotência pela dura realidade e precisa abandonar os prazeres paradisíacos da realização de desejos alucinatórios, mas anseia por retornar à situação inicial de bem-estar do útero.

Trump promete um retorno aos “bons e velhos tempos” e a realização da América paradisíaca, onde o desejo imaginário é realizado por um homem forte, que “Torna a América Grande Novamente”. Adicionalmente, ele protegeria seus seguidores do perigoso mundo exterior, que ameaçava destruir seu paraíso imaginário. Sua mensagem ressoou no espírito de uma grande parte da polis, mas ela não teve apelo universal, e outro grande segmento da polis manteve seu pensamento racional no modo adulto, opondo-se à visão paradisíaca ilusória nas cabines de votação e nos degraus da Casa Branca em 6 de janeiro. “Joe zé-ninguém” Biden e Jack Dorsey, o CEO do Twitter, desempenharam os papéis de Orfeu e Odisseu, respectivamente, ao combaterem o *canto da sereia* de Trump, como demonstrarei na seção seguinte. Mas o fato de a democracia ter escapado por pouco do despotismo é uma indicação de que uma parte significativa da polis norte-americana é vulnerável à sugestão hipnótica e a possíveis futuros ataques de líderes carismáticos que propõem realidades alternativas.

“Ouvi cantar as sereias, cada uma para si [...]

Nos demoramos nas câmaras do mar

Junto às ninfas, envoltas em algas vermelhas e marrons  
Até que vozes humanas nos acordam e nos afogamos.”<sup>23</sup>

A história de advertência de Eliot retrata o destino daqueles que seguiram o canto da sereia para as “câmaras do mar”. Escrito em 1917, durante os piores momentos da Primeira Guerra Mundial, foi provavelmente uma referência aos milhões de jovens que seguiram com entusiasmo o chamado às armas e encontraram sua desgraça nas trincheiras, com seus sonhos de glória e vitória

rapidamente destroçados ao acordarem de seu devaneio apenas para enfrentar a realidade dos campos de extermínio.

Os “patriotas” norte-americanos que invadiram a Casa Branca em 6 de janeiro podem não ter enfrentado balas, mas a ilusão de restaurar seu líder carismático ao poder foi igualmente destroçada pela resistência de verdadeiros patriotas que defendiam suas instituições democráticas, impedindo, dessa forma, a morte da democracia nos EUA e a instalação de um regime autoritário.

### Resistindo ao canto da sereia

O estudo das figuras<sup>24</sup> de indução por transe na cultura nos proporciona uma outra perspectiva do inelutável canto da sereia e de como podemos resistir a ele.

#### *Orfeu duelando com as sereias*

Orfeu era o sumo sacerdote místico da música que acompanhava Jasão e os Argonautas em sua jornada para capturar o Velocino de Ouro. Em sua jornada, eles tiveram que navegar pela Ilha das Sereias, que possuía a reputação de atrair os marinheiros para a sua morte na costa rochosa, com seus cantos de sereia. Orfeu duelou musicalmente com as irmãs do mar. Ann Wroe<sup>25</sup> descreve a disputa de modo poético.

“As sereias pretendiam atrair os Argonautas para lá para que morressem, deixando seus ossos mofando na areia. Sua música, como a de Orfeu, continha proporções divinas e a harmonia das esferas. Parecia tão linda para os ouvidos destreinados, porém levava apenas ao esquecimento, ao repouso terreno da alma. Suas canções percorriam incansavelmente a pele de um homem, onda

»  
*pode-se supor que os cantos  
das sereias (e a mensagem  
sedutora do hipnotizador)  
prometem uma experiência  
paradisíaca e embalam a mente  
até o sono, distraindo-a  
da realidade da “morte  
pela sensualidade”*

após onda cremosa, sugerindo o que poderíamos ver, tocar, sentir, amar: o fascínio da morte pela sensualidade e pela distração”. Até mesmo Orfeu parecia dominado: “[...] seu corpo parecia estar se dissolvendo, sendo penetrado por ondas sonoras que batiam suavemente, perdendo o fôlego [...] mãos suaves da canção o acariciavam de uma maneira que ele nunca havia sentido, nunca havia imaginado. Ele poderia desmaiar aqui, seu corpo caindo da grade e deslizando para o mar. Ele não se importava”. Porém Orfeu se esforçou para encontrar sua voz: “[...] suas primeiras notas lutaram por ele, pequenos rasgos e cortes brilhantes em sua mortalha de seda, até que ele estivesse respirando, ofegante, quase livre. Sua música se transformou numa lâmina desossada, uma chuva de pedras brilhantes lançadas contra a água, cimitarras de luz [...] Encontrando finalmente sua voz [...] foi sua mãe (Calíope, a Musa) que o incitou”. Orfeu cantou sobre a vida dos homens comuns e suas façanhas heroicas numa linguagem que a tripulação reconheceu, quebrando, dessa forma, o transe da sereia.

Pode-se supor que os cantos das sereias (e a mensagem sedutora do hipnotizador) prometem uma experiência paradisíaca e embalam a mente até o sono, distraindo-a da realidade da “morte pela sensualidade”. Orfeu é acordado de seu devaneio por sua mãe musa e encontra sua voz, abafando os irresistíveis harmônicos divinos

22 S. Ferenczi, *Stages in the development of a sense of reality in contributions to psychoanalysis*.

23 T.S. Eliot, *The love song of J. Alfred Prufrock*, p. 16.

24 No original o autor recorre ao termo “trope”. Nesse e em outros momentos, optamos traduzir por “figura” ou “referências”.

25 A. Wroe, *Orpheus: the song of life*, p. 98-99.



*na eleição de 2020, Biden  
não se apresentou como uma figura  
divina, que fazia promessas  
vazias para ser eleito,  
mas como uma pessoa comum,  
que falava de forma simples  
e com a qual a maioria do público  
norte-americano podia  
se identificar*

dos cantos das sereias. Nosso improvável herói órfico dos últimos dias é o “Joe dorminhoco” Biden, que abafou o canto das sereias de Trump com sua mensagem de “Joe zé-ninguém”. Biden não se apresentou como uma figura divina, que fazia promessas vazias para ser eleito, mas como uma pessoa comum, que falava de forma simples e com a qual a maioria do público norte-americano podia se identificar. Sua canção comum foi reconhecida pela maioria silenciosa: “Vamos lá! Caiam na real! Vocês vão acreditar nesse artista da baboseira?” Ele falava a língua deles, acordando a maioria para perceber que o brilho e o ouro prometidos pelo slogan “Tornar a América Grande Novamente” não passavam de cortinas de fumaça que criavam uma ilusão de grandeza, mas que acabaram levando os Estados Unidos a uma trajetória desastrosa durante um período crítico de crise climática e pandemia de Covid. Uma geração de norte-americanos que cresceu com uma cultura como a de *O Mágico de Oz* ficou inicialmente deslumbrada com o “grande poder” do mágico, mas acabou reconhecendo que ele era apenas um “vendedor de ilusões” e lhe deu as costas.

#### *Circe adverte Odisseu*

Odisseu tinha um método diferente para lidar com as sereias na Odisseia de Homero. Advertido pela feiticeira Circe sobre as sereias assassinas,

Odisseu foi orientado a fazer com que sua tripulação e ele próprio tapassem os ouvidos com cera quando estivessem próximos da ilha das sereias. Odisseu, curioso para ouvir as canções delas, fez com que sua tripulação o amarrasse ao mastro enquanto tapavam os ouvidos. Quando ouviu o canto delas, Odisseu tentou freneticamente soltar suas amarras e se juntar às sereias, que o enfeitiçaram com seu canto.

Esse mote sugere como um antídoto para o canto das sereias o método de Odisseu de silenciar a voz das sereias. Isso foi efetivamente feito pelo CEO do Twitter, Jack Dorsey, ao cancelar as contas de Trump. Sem o megafone de seu “púlpito privilegiado”, Trump foi silenciado. Mas isso só ocorreu após um quase golpe no Capitólio. Aqueles que seguiram o canto das sereias foram confrontados por aqueles que os impediram de ouvir o canto da sereia de Trump e, quando os enfeitiçados acordaram de seu transe, foram afogados por um mar de processos legais, que enfrentaram como consequência de seus atos, enquanto Trump abandonava seus seguidores à sua própria sorte.

#### Discussão

Donald Trump representa um fenômeno cuja causalidade e significado ainda são pouco compreendidos. Ele evoca uma reação visceral tanto de seus apoiadores quanto de seus detratores, o que compromete os processos de pensamento racional nos dois campos. A mídia e os democratas o rejeitam como narcisista e mentiroso compulsivo, ao passo que os republicanos e uma grande parcela do público norte-americano o emula como o homem forte que trará de volta os paradisíacos “bons e velhos tempos” e os protegerá das hordas de estrangeiros e forasteiros que ameaçam dominá-los. Neste artigo, não busquei chegar a uma compreensão dinâmica do homem em si, mas compreender a inter-relação dinâmica entre Trump e a cultura da população. Especificamente, qual foi sua técnica para influenciar a dinâmica da polis. Propus que ele estava em

sintonia aguda com os desejos reprimidos ou suprimidos de uma grande parcela da população e usou técnicas hipnóticas para seduzir ou fazer *gaslighting* (manipulação psicológica) com o seu próprio público, para que este regresse a uma reação mais emocional, baseada na realização de desejos imaginários e em um retorno aos “bons e velhos tempos”. De forma alternada, ele criou uma crise inexistente, a de sermos invadidos por “hordas” e “caravanas” de estrangeiros, apresentando-se como seu salvador, ao “construir o muro”. Ele transmitiu sua mensagem hipnótica em seus bem encenados comícios, em sua conta no Twitter e por meio da intensa atenção que a mídia lhe deu. Trump também estava sintonizado com os fantasmas do trauma transmitido por gerações após a Guerra Civil, apelando para os supremacistas brancos de extrema direita e para aqueles que se sentem no direito de possuir privilégios brancos. Muitos dos que invadiram a Casa Branca empunhavam a bandeira confederada, num gesto simbólico de derrubada das forças da União.

As referências culturais foram úteis para ponderar quais estratégias podem ser eficazes para resistir às mensagens hipnóticas do canto das sereias. O papel de Orfeu duelando com as

»  
*o fato de uma parcela  
tão grande da população  
ter sido hipnotizada pelo  
fenômeno Trump sugere que  
a hipnose em massa continuará  
sendo uma modalidade perigosa  
de influência da polis no futuro*

sereias foi desempenhado por “Joe zé-ninguém” Biden, cujo discurso simples e mensagem calma quebraram o feitiço para muitos. O método de Odisseu de bloquear o canto das sereias foi utilizado pelo CEO do Twitter, Jack Dorsey, quando ele cancelou a conta de Trump no Twitter.

O fato de uma parcela tão grande da população ter sido hipnotizada pelo fenômeno Trump sugere que a hipnose em massa continuará sendo uma modalidade perigosa de influência da polis no futuro.

## Referências bibliográficas

- Adams S. (2017). *Win bigly: persuasion in a world where facts don't matter*. New York: Portfolio/Penguin.
- Aron L. (1996). *From hypnotic suggestion to free association: Freud as a psychotherapist, circa 1892-1893*. New York: Other Press.
- Bion W.R. (1961). *Experiences in groups*. London: Tavistock.
- Eliot T.S. (1917/1969). *The complete poems and plays of T.S. Eliot*. London: Faber & Faber.
- Ellenberger H. (1970). *The discovery of the unconscious*. New York: Basic Books.
- Ferenczi S. (1909/2012). Introjection and transference in *contributions to psychoanalysis* [first published in 1916, RG Badger, Boston]. London: Forgotten Books.
- \_\_\_\_\_. (1913/1916). Stages in the development of a sense of reality in *contributions to psychoanalysis*. Transl. Ernest Jones. New York: Dover Publications.
- \_\_\_\_\_. (1915). Analysis of comparisons in *further contributions*. Transl: J. Suttie. London: Karnac. p. 397-407.
- \_\_\_\_\_. (1931). Child-analysis in the analysis of adults. *The International Journal of Psychoanalysis*, n. 12, p. 468-482.
- Freud S. (1921). Group psychology and the analysis of the ego. *Standard Edition* 18. p. 65-144.
- \_\_\_\_\_. (1923). A short account of psycho-analysis. *Standard Edition* 19. p. 191-212.
- Homer (10th C. BC/1946). *The Odyssey*. Transl. E.V. Rieu. Penguin Books.
- Kernberg O. (2020). Malignant narcissism and large group regression. *The Psychoanalytic Quarterly*, v. 89, n. 1, p. 1-24.
- Kris E. (1936). The psychology of caricature. *The International Journal of Psychoanalysis*, n. 17, p. 285-303.
- \_\_\_\_\_. (1943). Some problems of war propaganda. *The Psychoanalytic Quarterly*, n. 12, p. 381-399.
- Laplanche J. (1999). Implantation, intromission. In *Essays on otherness*. London and New York: Routledge. p. 133-137.
- Lear J. (1992). *Inside and outside the Republic*. Phronesis, v. xxxvii/2.
- Le Bon G. (1895/2002). *The crowd: a study of the popular mind*. Mineola, New York: Dover Publications.
- Soreanu R. (2018). *Working-through collective wounds: trauma, denial, recognition in the Brazilian uprising*. London: Palgrave-MacMillan.
- Volkan V. (2004). *Blind trust: large groups and their leaders in times of crises and terror*. Charlottesville: Pitchstone Publishing.
- Wroe A. (2011). *Orpheus: the song of life*. New York: The Overlook Press.

## The hypnotic influence of the leader and the creation of the alternative reality

**Abstract** Psychoanalysis has traditionally been an insular practice by analysts in their offices sequestered from any outside intrusion. However, in recent years a demand for psychoanalytic perspectives on the underlying dynamics of political figures and social phenomena has arisen. Media representatives have increasingly approached psychoanalysts for insight into such conditions as narcissistic personality disorder, compulsive lying, delusional thinking, when attempting to understand the irrational machinations of authoritarian leaders. Here, we will not be investigating the individual psyche, but rather the relationship between psyche and the culture of the populace (i.e., the polis). This session will consider the complex underlying dynamics of leaders' hypnotic influence and the creation of an alternate reality.

**Keywords** polis and psyche inter relationship; hypnotic technique; group dynamics; regression in service of the ego; hypnotic trance.

**Texto recebido:** 08/2024.

**Aprovado:** 09/2024.